

HZ 467 A e B ANTROPOLOGIA E OS ESTUDOS DE PARENTESCO
Profa. Dra. Mariza Corrêa

Um historiador da antropologia observou há alguns anos que um longo debate se instalara na disciplina desde que alguém perguntou do que é, afinal, que estamos falando quando falamos de parentesco.

“A questão é significativa, já que o debate se dá entre aqueles que argumentam que ‘parentesco’ trata de noções sócio-biológicas universais - e que assim todos os sistemas de parentesco podem ser discutidos nos mesmos termos genealógicos, utilizando o mesmo referencial comparativo - e aqueles que argumentam que ‘parentesco’ é uma construção, mais ou menos útil, do antropólogo, que não corresponde a noções êmicas e que, utilizada de uma forma grosseira, obscurece a realidade. Contra a idéia clássica de que o ‘parentesco’ se refere à propensão humana universal de basear as relações sociais em noções de relações biológicas que derivam da observação de certos fatos da vida, se desenvolveu uma ortodoxia moderna que afirma que os sistemas de ‘parentesco’ não existem na vida real.” (Adam Kuper)

Como esse historiador mostra, e esse será nosso objetivo neste semestre, a questão não pode ser resumida de maneira tão simples - e tampouco aqueles que decretaram a morte dos estudos de parentesco deixaram de utilizá-los em suas análises. Vamos tentar acompanhar esse debate em três vertentes articuladas: a histórica (como as teorias de parentesco foram importantes para a constituição da antropologia enquanto disciplina); a teórica (como as propostas de resolução de problemas colocados pela análise de situações concretas levaram à construção de certos modelos que se tornaram ‘clássicos’ na antropologia) e a etnográfica (examinando alguns exemplos de como certos marcadores sociais -por exemplo, idade, residência ou gênero - foram sendo incorporados à discussão contemporânea dessas teorias).

A maior parte da bibliografia pertinente está em inglês ou francês, mas é possível ter uma idéia do caminho proposto aproveitando algumas traduções ou originais existentes em português. Lendo, por exemplo, para a primeira vertente, A. Kuper, **Antrópologos e Antropologia** (Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1978); E.E. Evans-Pritchard, **História do pensamento antropológico** (Lisboa, edições 70, 1989); J. Copans e outros, **Antropologia, ciência das sociedades primitivas?** (Lisboa, edições 70/São Paulo, Martins Fontes, 1977); F. Dosse, **História do estruturalismo** (São Paulo, Editora Ensaio/Campinas, Editora da Unicamp, 1994) ou R.Cardoso de Oliveira (org.), **A antropologia de Rivers** (Campinas, Editora da Unicamp, 1991). Para a segunda, C.Lévi-Strauss, **As estruturas elementares do parentesco** (Petrópolis, Vozes/São Paulo, EDUSP, 1976); L. Dumont, **Introduccion a dos teorias de la antropologia social** (Barcelona, Editorial Anagrama, 1975); E. Leach, **Repensando a antropologia** (São Paulo, Editora Perspetiva, 1974) ou R. Da Matta, **Relativizando - uma introdução à antropologia social** (Petrópolis, Editora Vozes, 1981). Para a terceira vertente, poderemos privilegiar os estudos feitos por etnólogos brasileiros, os antropólogos que mais tem se dedicado à análise do parentesco. Uma boa introdução ao campo pode ser E. Viveiros de Castro (org.), **Antropologia do parentesco. Estudos ameríndios** (Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1995).

Todos esses textos, que servirão de referência para leituras mais específicas, estarão disponíveis no setor de reserva de nossa biblioteca.